



Como avaliar o sensível? A experiência da Pinacoteca do Estado de São Paulo em avaliação para ações de inclusão sociocultural.

Milene Chiovatto e Gabriela Aidar
Pinacoteca do Estado de São Paulo

A Pinacoteca do Estado é um museu de arte público vinculado à Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, cujo acervo é composto principalmente por obras brasileiras dos séculos XIX até os dias de hoje. O fato de ser um museu público e com grande espaço na mídia não garante, entretanto, uma frequência irrestrita, como já demonstrado por pesquisas de público que apontaram um perfil do visitante da Pinacoteca como sendo altamente escolarizado, freqüentador usual de instituições culturais e com alta renda familiar.

Em função desta percepção, a Ação Educativa da Pinacoteca vêm atuando em diversas frentes de trabalho, entre elas o Programa de Inclusão Sociocultural, coordenado por Gabriela Aidar, que busca uma maior variedade e abrangência do público visitante do museu, e ao mesmo tempo sistematizar processos que ampliem o acesso qualificado à Pinacoteca e à sua coleção.

Este programa atua junto a populações em desvantagem social da cidade de São Paulo, como moradores de rua e de albergues, adultos em processo de alfabetização, cooperativas e grupos de artesãos e jovens e crianças em situação de risco. As ações desenvolvidas por este Programa têm como objetivo a ampliação do repertório e da noção de pertencimento cultural dos participantes, o desenvolvimento de sua percepção estética



– subsídio para suas criações e para o fortalecimento de sua capacidade crítica -, a promoção de oportunidades de diálogo que estabeleçam a auto-confiança nos participantes e a aquisição e manejo de conhecimentos e habilidades que podem ser cognitivos, emocionais ou vivenciais.

Ele atua por meio de parcerias com organizações públicas ou privadas que desenvolvem trabalhos socioeducativos, promovendo atendimentos a grupos com visitas educativas ao acervo segundo cada demanda e perfil, com constante acompanhamento e avaliação dos resultados em busca dos objetivos particulares de cada parceria.

Outra ação do Programa é o curso de capacitação *Ações Multiplicadoras*, para educadores e outros profissionais atuantes em organizações sociais que desenvolvam programas socioeducativos (ONGs e serviços de assistência social públicos ou privados), visando a elaboração, execução e avaliação de projetos educativos voltados para a inclusão sociocultural a partir da Arte e do Patrimônio.

Desde o início das práticas, em 2002, foram construídos processos sistêmicos de avaliação por meio de relatórios de observação de caráter descritivo e analítico redigido pelos educadores do museu para cada um dos grupos atendidos. Nestes relatórios constam dados informativos e descritivos como os objetivos da ação e a descrição da atividade, e também dados mais analíticos, como alguns de seus resultados, a avaliação do educador a respeito da ação e propostas de continuidade.

Os relatórios permitem retomar os percursos, processos e resultados de cada atendimento, e as memórias concretizadas neles permitem, ainda, a comparação das atuações em diferentes perfis de público, criando uma espécie de banco de possibilidades educativas.

Percebemos, porém, a necessidade de ampliar os sistemas avaliativos dando voz aos participantes e responsáveis pelos grupos, visando cruzar as informações coletadas e adensar as possibilidades de reflexão sobre as práticas.



Um dos maiores desafios para a concepção destes instrumentos avaliativos foi o de contemplar a variedade e subjetividade das experiências e aprendizados envolvidos nas dinâmicas.

As atividades desenvolvidas pelo Programa estão voltadas para a participação ativa do visitante, no sentido de conduzi-lo à atribuição de sentidos pessoais e coletivos aos objetos analisados, como forma de tornar vivencial sua participação na cultura. Assim, ultrapassam os conteúdos artísticos lingüísticos, formais, técnicos e contextuais, na busca da valorização da experiência interpretativa, afetiva, simbólica e subjetiva do indivíduo no contato com a cultura.

Percebemos, desde cedo, que o diferencial deste Programa é o público atendido, para o qual, a maior parte das vezes, a experiência de visitar o museu, significa um “luxo” ao qual não teriam direito. Nossa prática nos indica que a aproximação com o museu se dá de maneira mais efetiva por meio da possibilidade de sentirem-se participantes e bem-vindos neste espaço.

Processos e sistemas de avaliação educativa formais preocupam-se primordialmente em perceber e medir a aquisição de conhecimentos. Por sua vez para a avaliação de ações educativas não-formais - como aquelas desenvolvidas pelos museus -, esse aspecto é apenas um entre outros a serem considerados, e em alguns casos, não o principal resultado ou impacto das ações.

Segundo Fernandes, “a não-formalidade pressupõe outros jeitos de se trabalhar, suas ações podem ser concebidas como um instrumental, um meio para que seja possível o desenrolar de um trabalho que tem, em sua essência, a afetividade, as relações dos sujeitos com o processo criativo e a formação humana. É importante que saibamos valorizar diferentes tipos de conhecimento como saberes, que o que é ou se torna relevante pode ser aprendido, ensinado, dividido, vivenciado.”¹

¹ FERNANDES, Renata S.; GARCIA, Valéria A., “Algumas orientações para navegadores e principiantes na navegação: relacionando a pedagogia de projetos com a educação não-formal”, texto inédito, Campinas, 2006, pg. 06.



Em busca de sistemas avaliativos compatíveis com esta proposta, somamos às reflexões que vínhamos desenvolvendo, as experiências avaliativas desenvolvidas com os *Generic Learning Outcomes* utilizados no Reino Unido, que propõem a ampliação dos modelos de avaliação para incluir as formas de aprendizagem mais subjetivas, tais como o desenvolvimento de habilidades, de atitudes e valores, a promoção de inspiração, prazer e criatividade e a transformação de comportamentos.

A partir destes princípios conceituais notamos ser necessária a adaptação ao nosso contexto social e institucional, e para tanto, contamos com a consultoria da Dra. Adriana Mortara Almeida, para elaboração dos instrumentos que ora se encontram em aplicação.

Os quatro instrumentos utilizados foram desenvolvidos para quatro diferentes respondentes: relatórios para os educadores do museu; questionários de auto-resposta para os participantes dos grupos e para seus educadores; e para crianças não alfabetizadas, folhas de desenho para responder à pergunta: “o que você mais gostou da sua visita à Pinacoteca hoje?”.

É necessário esclarecer que alguns dos grupos atendidos são compostos de adultos parcialmente alfabetizados, implicando na necessidade de acompanhamento dos educadores do museu na resposta aos questionários de avaliação. Além disso, como forma garantir a compreensão do desenho infantil, somamos um depoimento da criança sobre seu desenho no verso da folha.

Outro elemento que pode ser considerado um instrumento de avaliação são os resultados das atividades plásticas realizadas pelos grupos a partir dos estímulos cognitivos da visita ao museu.

Para dar visibilidade ao potencial desses instrumentos como recursos de avaliação dos processos educativos aqui mencionados, apresentaremos a seguir, a título de exemplo, alguns resultados.



Grupo: Programa de Educação de Jovens e Adultos, da Faculdade de Filosofia, Letras e Educação da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

- **Perfil:** grupo de adultos em processo de alfabetização.
- **No. de encontros:** 4 encontros (de um total de 7 programados).
- **Objetivos:** estabelecer diálogos entre a alfabetização visual e a alfabetização de adultos, para o enriquecimento de ambos os processos.
- **Procedimento:** a cada visita foi tratado um foco, a partir de uma determinada seleção de obras, complementada por uma atividade plástica relacionada.

1º Encontro: apresentação e reconhecimento do grupo, na instituição de origem.

1ª Visita: trabalhar a identidade cultural e a auto-representação por meio do resgate de memórias frente a paisagens e cenas rurais. Traçar paralelos entre a leitura de imagens e textos por meio de exercícios interpretativos.

2ª Visita: relacionar narrativas representadas em obras do acervo e narrativas literárias.

3ª Visita: discutir a simbologia presente em obras selecionadas em relação a seus títulos.

4ª Visita: tornar perceptíveis as diferenças entre representações figurativas e abstratas frente a retratos.

Os questionários são aplicados em sistema de amostragem e reproduzimos abaixo alguns dos resultados da avaliação aplicada na segunda visita deste grupo.



Questionário do participante do grupo

Perguntas abertas:

Sua opinião sobre a Pinacoteca mudou depois da visita? De que maneira?

Exemplos de respostas:

"Não imaginaria, olhando de fora que dentro tinha tanta coisa interessante."

"Vi que a Pinacoteca é um lugar de aprender."

"Porque eu nunca pensei em visitar um lugar desse."

Categorias contempladas:

- desconhecia: 4
- aquisição de conhecimento: 3
- mudou para melhor: 3
- conhecia o prédio apenas por fora: 2
- incentivou a pesquisa: 1

O que você guardará na memória sobre a visita de hoje?

Exemplos de respostas:

"Tantas coisas, como por exemplo ser bem atendida quando entrei e saí, as esculturas, quadros etc."

"As esculturas e as três pessoas que nos acompanharam na visita."

Categorias contempladas:

- narrativas de obras: 7
- "tudo": 6
- obras e/ou artistas: 5
- vínculo afetivo: 3
- prédio: 1

Perguntas múltipla escolha com possibilidade de resposta: sim / não / em parte:

Eu percebi que posso aprender com as idéias dos meus colegas.

Sim 19 / Em parte 2

Eu aprendi coisas novas sobre mim mesmo.

Sim 18 / Não 2

Eu pretendo voltar.

Sim 21 / Em parte 1

Eu pretendo visitar outros museus.

Sim 20



Questionário do educador do grupo

Pergunta aberta:

Você acha que a visita de hoje pode contribuir para o trabalho desenvolvido na instituição de origem? Como?

Exemplos de respostas:

“Auxiliando os alunos na observação e análise dos conteúdos trabalhados, aprendendo a interpretá-los, na emissão de opiniões (desenvoltura), segurança, conhecimentos novos, melhor auto-estima, entre outros.”

"Perceber as várias formas de linguagens e associá-las a textos: narrativas, poesias, músicas, etc."

Perguntas múltipla escolha com possibilidade de resposta: igual / melhor / pior:

Assinale se você acha que a visita fez seu grupo se sentir melhor, igual ou pior sobre as seguintes questões.

- Sobre eles próprios e suas capacidades: *melhor*
- Sobre sua história pessoal e suas memórias: *melhor*
- Aprender sobre narrativas: *igual; melhor*
- Sobre os museus: *melhor*



Grupos: Programa de Educação Cidadã, Einstein na Comunidade de Paraisópolis; Centro Social da Criança Madre Cabrini; Instituto Dom Bosco; ONG Mensageiros da Esperança.

- **Perfil:** grupos de crianças moradoras de áreas de risco social.
- **No. de encontros:** diversificado.
- **Objetivos gerais:** tratar de diferentes temas, estimulando a sociabilização, o contato prazeroso com o museu e suas exposições.
- **Processo:** a cada visita foi tratado um foco, a partir de uma determinada seleção de obras, por meio de estímulos lúdicos e sensoriais, complementada por uma atividade plástica relacionada.

Legendas dos desenhos:

- As quatro mulheres / gigantes (Fonte das Nanás / Atlantes)
- Elevador / atividade plástica com molduras / jogo educativo na sala de retratos
- a obra de arame / a obra de canudinho (Esferas III / Cinzas)
- Autora: Tarsila (São Paulo)
- a fachada da Pinacoteca
- teatro de fantoches

Considerações finais

Tanto os instrumentos como os processos avaliativos desenvolvidos apontam para caminhos possíveis de avaliação dos aspectos cognitivos e subjetivos que na educação em museus acontecem em sinergia.

Devemos reconhecer que a análise dos resultados das avaliações implica, muitas vezes, num esforço interpretativo que pressupõe a subjetividade do analista. Entretanto, a aplicação sistemática dessas avaliações aponta para diretrizes objetivas do trabalho, como a percepção do desejo de regressar ao museu, o sentimento de valorização e bem-estar, e o prazer das descobertas ocorridas na experiência da visita.

Assim como o processo de trabalho, o processo avaliativo aqui apresentado encontra-se em constante construção a fim de adequar-se às demandas das diferentes realidades com as quais atuamos.

Avaliar é um processo que nos faz compreender e melhorar nossas práticas educativas, entendendo que:

“Educar-se é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo cada vez mais adaptado, mais propício, mais benfazejo para o homem.” – Anísio Teixeira, 1978.

Acreditamos que, como diz J. Larrosa,

“Talvez a arte da educação não seja outra senão a arte de fazer com que cada um torne-se em si mesmo, até sua própria altura, até o melhor de suas possibilidades.” – Jorge Larrosa, 2004.